O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

ARNALDO JABOR

Nunca mais seremos campeões do mundo de 50

A Copa de 2014 já está virando nossa utopia

André Mello



Meu amigo Paulo Perdigão morreu, há algum tempo. Era um grande crítico de cinema e louco por filosofia — Sartre, especialmente, de quem traduziu "O ser e o nada".

Perdigão era idealista, angustiado, com manias intelectuais inusitadas como por exemplo remontar "Shane", de George Stevens, de modo que ele próprio aparecesse na cena da porrada final contra Jack Palance, dentro do *saloon*. Perdigão tinha um trauma: a Copa do Mundo de 1950. Seu pai, severo e seco, teve um gesto amoroso e levou-o pela primeira vez ao Maracanã, para ver a decisão entre Brasil x Uruguai. Ele aí, fascinado, com 10 anos. Aí, o Brasil perdeu. A felicidade do passeio com o pai deu lugar à quase certeza de que ele, menino, ali, junto ao pai desesperado, era o pé-frio, o culpado pela derrota. Passou a vida com esse sentimento de culpa, com essa obsessão da qual tentou se livrar escrevendo um conto genial e depois um livro sobre essa famosa desgraça nacional. No conto, ele descobre uma máquina do tempo e volta ao passado para salvar o Brasil e impedir o gol de Ghiggia. Chega ao estádio, vê a si mesmo junto ao pai, ainda menino, consegue se infiltrar

JK, Brasília, bossa nova, cinema, teatro, reformas populares em um país novo. Mas a esperança seria arrebentada em 64, pelo golpe. A Copa de 70 teve para mim um sabor amargo e doce, sob o sinistro sorriso do ditador Médici, legitimando a tortura e a morte de heróis. A taça de 70 foi outro oximoro: uma "alegria dolorosa". Eu imaginava torturadores e torturados no pau-de-arara, todos torcendo pelo Brasil. A vitória em 70 veio animar o torto "milagre brasileiro", que nos mergulhou em buracos de dívidas impagáveis.

Depois, vieram: a derrota das eleições diretas, a morte de Tancredo Neves, que teve o mesmo gosto de fracasso de "Brasil x Uruguai"; depois, os "anos Sarney", quando parecia que o Brasil nunca mais sairia do buraco, descrente até mesmo da liberdade, com a falência do Estado e a descoberta de que a "democracia real" não existia dentro das instituições, nos alicerces do país.

Depois desse período letárgico, com gosto de conto-do-vigário, os brasileiros convocaram o "bonapartismo *narcísico*" de Collor para "salvá-los" mais uma vez... O impeachment e os caras-pintadas foram o *trailer* da vitória de 94, com o governo FH rajando com "novas